



## As narrações orais de histórias e a contribuição para a imaginação criativa de crianças da educação infantil

### *Oral storytelling and the contribution to the creative imagination of preschool children*

**Elaine Fatima Batista**

Graduada em Pedagogia

Universidade Estadual do Paraná – UNESPAR

União da Vitória, Paraná – Brasil.

[layneebatista@outlook.com](mailto:layneebatista@outlook.com)



**Claudia Maria Petchak Zanlorenzi**

Pós Doutorado em Educação

Universidade Estadual do Paraná – UNESPAR

Irati, Paraná – Brasil

[aecmari@gmail.com](mailto:aecmari@gmail.com)



**Andréia Bulaty**

Pós Doutorado em Educação

Universidade Estadual do Paraná – UNESPAR

Rebouças, Paraná – Brasil

[andreiabulaty@gmail.com](mailto:andreiabulaty@gmail.com)

**Resumo:** As narrações orais de histórias são comumente utilizadas nos espaços escolares, principalmente quando se trata do desenvolvimento da imaginação. Todavia, de que forma esse desenvolvimento se processa nas crianças da pré-escola, na fase em que a atividade essencial que guia o desenvolvimento psíquico, o funcionamento da complexidade das funções psíquicas, são os jogos de papéis? Partindo da base epistemológica da Psicologia Histórico-cultural, apoiado em Vigotski (2010), a presente pesquisa tem por objetivo analisar a contribuição das narrações orais de histórias para o desenvolvimento da imaginação criativa, especificamente nas classes de pré-escola (infantil 4 e 5), da educação infantil. Para tanto, foi feita uma pesquisa de cunho qualitativo, a partir de um estudo exploratório que tem por finalidade esclarecer conceitos, por meio da pesquisa bibliográfica. Pretendeu-se com esse estudo apontar a necessidade e a contribuição das narrações orais de histórias para a imaginação criativa, principalmente para as classes de pré-escola da educação infantil, bem como divulgar o estudo aos professores em propostas de formações e em publicações. Apresenta-se, aos profissionais da Educação Infantil e demais interessados, alguns aspectos referentes aos procedimentos metodológicos que podem ser utilizados para realizar a contação de uma história, sendo eles: para quem? como? Quando? Onde? Qual o objetivo? Outrossim, indica-se que, com a narração de uma história, a partir da utilização de gestos, da voz, de expressões faciais e corporais, pausas e ênfases no momento estratégico, desperta-se o interesse da criança pela aula, estimula-a para que ela (re)crie coisas, objetos, situações provenientes da sua imaginação.

**Palavras chave:** narração oral; imaginação criativa; educação infantil.

**Abstract:** Oral storytelling is commonly used in school spaces, especially when it comes to the development of imagination. However, how does this development take place in preschool children, in the phase in which the essential activity that guides psychic development, the functioning of the complexity of psychic functions, is role playing? Based on the epistemological basis of Historical-Cultural Psychology, supported by Vygotsky (2010), this research aims to analyze the contribution of oral storytelling to the development of creative imagination, specifically in preschool classes (children 4 and 5), of early childhood education. Therefore, a qualitative research was carried out, based on an exploratory study that aims to clarify concepts, through bibliographical research. The aim of this study was to point out the need and contribution of oral storytelling to creative imagination, especially for preschool classes in early childhood education, as well as to disseminate the study to teachers in training proposals and publications. It presents, to Early Childhood Education professionals and other interested parties, some aspects related to the methodological procedures that can be used to tell a story, namely: for whom? as? When? Where? What's the point? Furthermore, it is indicated that, with the narration of a story, from the use of gestures, voice, facial and body expressions, pauses and emphasis at the strategic moment, the child's interest in the class is awakened, stimulated for her to (re)create things, objects, situations from her imagination.

**Keywords:** oral narration; creative imagination; child education.

Cite como

(ABNT NBR 6023:2018)

BATISTA, Elaine Fatima; ZANLORENZI, Claudia Maria Petchak; BULATY, Andréia. As narrações orais de histórias e a contribuição para a imaginação criativa de crianças da educação infantil. *Dialogia*, São Paulo, n. 46, p. 1-17, e23806, set./dez. 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.5585/46.2023.24066>

*American Psychological Association (APA)*

Batista, E. F., Zanlorenzi, C. M. P., & Bulaty, A. (2023, set./dez.). As narrações orais de histórias e a contribuição para a imaginação criativa de crianças da educação infantil. *Dialogia*, São Paulo, 46, p. 1-17, e23806. <https://doi.org/10.5585/46.2023.24066>



## Introdução

A narração oral de histórias, contribui efetivamente para o desenvolvimento do ser humano desde a mais tenra idade, uma vez que contribui para a imaginação criativa, situação que sobremaneira depende das condições materiais hauridas da realidade.

Neste sentido, momentos em que a criança tem a oportunidade de apenas ouvir histórias sendo contadas, diferentemente de ver histórias dramatizadas ou apenas ouvir por meio da mediação da leitura, são essenciais para “[...] abrir todas as comportas pra entender o mundo através dos olhos dos autores e da vivência das personagens.” (ABRAMOVICH, 1989, p. 14).

Na idade pré-escolar, especificamente, em que o faz de conta é a atividade dominante, ou melhor, a atividade essencial que guia o desenvolvimento psíquico, o funcionamento da complexidade das funções psíquicas têm na atividade lúdica, no faz de conta, nos jogos de papéis, fator que impulsiona o desenvolvimento, pois “[...] a criança reproduz as atividades sociais dos adultos e relações reais para que se estabeleçam entre eles [...], internalizando determinados padrões sociais que formarão bases para sua própria conduta” (PASQUALINI, 2013, p. 89). Nessa atividade lúdica, é que as crianças têm a possibilidade de abstrair situações e objetos que não estão presentes concretamente.

Corroborar-se com Vigotski (2010), ao apontar que “[...] a atividade criadora da imaginação depende diretamente da riqueza e da diversidade da experiência anterior da pessoa porque essa experiência constitui o material que se criam as construções da fantasia.” (VIGOTSKI, 2010, p. 24). Desta forma, a quantidade de experiências possibilitará um maior arsenal de imaginação criativa podendo ser verificado na história humana, pois “a história das grandes invenções, das grandes descobertas, quase sempre é possível notar que elas surgiram do resultado de uma imensa experiência exterior acumulada.” (VIGOTSKI, 2010, p. 24). Diante disso as experiências anteriores que pessoa vivencia, principalmente no intercâmbio com outras pessoas e neste caso interpessoal e exterior, é preponderante para a atividade criadora.

Partindo do pressuposto acima exposto, o presente artigo tem por objetivo investigar os processos de desenvolvimento de crianças em idade pré-escolar, especialmente no que concerne ao desenvolvimento da imaginação criativa, fundamentando-se em autores que tratam do tema. Especificamente, discutir os aspectos conceituais e metodológicos das narrações orais de histórias e a sua relação com o desenvolvimento da imaginação criativa e verificar a contribuição destas para o desenvolvimento da imaginação criativa no espaço escolar.

Para tanto, foi realizada a pesquisa bibliográfica que, segundo Gil (2002, pg. 44), “[...] é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos.” Uma pesquisa bibliográfica permite uma vasta investigação teórica dos fenômenos e,

consequentemente, subsidia o nosso conhecimento para se construir um novo a partir do qual já se tem.

O presente artigo está dividido nos seguintes momentos: no primeiro, será abordado fundamentos norteadores sobre o desenvolvimento infantil à luz de autores que tratam do tema; em segundo amplia-se o diálogo, buscando explicitar aspectos conceituais e metodológicos sobre as narrativas orais e da imaginação criativa. Logo em seguida, será abordada essa relação da contação de histórias e o desenvolvimento da imaginação criativa no contexto escolar. Neste sentido, objetiva-se articular o desenvolvimento infantil com as contribuições que as narrações orais de histórias podem acrescentar ao processo de desenvolvimento da imaginação criativa, principalmente dentro dos espaços escolares e particularmente na etapa da educação infantil.

### **Breve reflexões sobre o desenvolvimento da imaginação criativa à luz de autores que tratam do tema**

Desde que nascem, as crianças possuem uma série de potencialidades a serem desenvolvidas ao longo de seu crescimento e vida, ou seja, a criança desde que nasce aprende (VIGOTSKI, 2010). Esse desenvolvimento é um processo que vai se consolidando nos primeiros anos de vida, e se dá por meio do movimento de aquisição de conhecimentos acumulados historicamente pela humanidade e da construção de novos saberes, que levam a criança a formação complexa que se agrupam em dois níveis, com funções diferentes, em interação permanente, denominadas de funções elementares (sensações, percepções imediatas, emoções primitivas, memória direta) e funções psicológicas superiores (memória, linguagem, lógica, atenção, emoção, imaginação criadora, auto regulação da conduta e percepção categorial). (VIGOSTKI, 2010).

Segundo Vieira (2020, p. 63) “o desenvolvimento cognitivo e motor se dá a partir da convivência com os demais [...]”. O sujeito é um ser histórico, que se aperfeiçoa com o passar dos tempos, nas relações com o outro e com o mundo e assim vai se constituindo a sua identidade.

Vigotski (2010) parte da concepção de que o sujeito é geneticamente social, o seu crescimento e desenvolvimento estão ligados com a apropriação do conhecimento na cultura em que está inserido. A aprendizagem, o ensino e o desenvolvimento são processos distintos, mas que interagem dialeticamente, isto é, eles não existem de forma independente, mas convergem-se entre si, pois a aprendizagem promove o desenvolvimento e este anuncia nova possibilidade de aprendizagem. Enfatiza-se que sem a interação com parceiros, a aprendizagem não é possível, porque o conhecimento passa pela mediação do outro.

Vigotski, Leontiev e Elkonin concebiam o desenvolvimento infantil como fenômeno histórico não determinado por leis naturais universais, mas intimamente ligado às condições objetivas da organização social, sendo fundamental considerar o lugar ocupado pela criança nas relações sociais e as condições históricas concretas em que seu desenvolvimento se desenrola. (PASQUALINI, 2009, p. 33).

A outra pessoa pode ser entendida como o parceiro mais próximo, aquele que ensina, alguém mais experiente, como, um familiar, um colega, um professor, entre outros. Os educadores fazem papel fundamental nesse processo, permitindo a criança perceber que ela é capaz de realizar atividades no primeiro momento com a ajuda de terceiros e posterior a realização das atividades sozinhas, momento denominado como zona de desenvolvimento proximal.

Na zona de desenvolvimento proximal, segundo Vigotski (2010), existem dois níveis: o real e o proximal. O primeiro é marcado como um processo intrapessoal, na forma de conhecimentos apropriados, isto é, o nível de desenvolvimento das funções mentais da criança se estabelece como ciclos completados em que é indicativo da capacidade mental das mesmas o que elas já conseguem fazer individualmente. Já o segundo só se concretiza, é ativado e se transforma em possibilidade de vir a tornar-se desenvolvimento real em uma situação de interação e orientação com os parceiros. Em síntese, Vigotski (2010) defende que a Zona de Desenvolvimento Proximal define as funções que ainda não amadureceram, mas que estão em processo de eminência, permitindo delinear o futuro da criança, porque a zona de desenvolvimento proximal de hoje é a zona de desenvolvimento real de amanhã.

O desenvolvimento infantil está ligado ao movimento dialético, em que o conhecimento formado na atividade interacional não é produto só desta, mas sua gênese está na superação das experiências passadas. Tendo em vista que o desenvolvimento infantil não deve ser encarado como algo comum e natural para todos os seres humanos, nos permitindo observar

[...] que a transição de uma etapa de desenvolvimento infantil para outra é caracterizada por crises, e estas surgem no limite entre duas idades e assinalam o fim de uma etapa precedente de desenvolvimento e o início da etapa seguinte. O autor destaca que esses períodos de crise produzem mudanças bruscas, rupturas na personalidade da criança, e que os períodos têm tempo indeterminado, podendo durar vários meses, um ano ou dois ao máximo. (VIEIRA, 2020, p. 70)

Portanto, entende-se que os períodos de crise são diferentes em cada criança, pois quando ela aprende a fazer coisas que antes não conseguia realizar sozinha é sinal de que passou de uma fase para a outra, resultando principalmente em uma mudança em seu comportamento. Assim, a ocorrência do desenvolvimento e das crises variam de uma criança para outra, e não é uma regra universal que todas tenham o desenvolvimento idêntico e homogêneo. Para tanto, identifica-se as seguintes crises:

a) crises pós-natal – primeiro ano (2 meses-1 ano); b) crise de 1 ano – infância precoce (1 ano-3 anos); c) crise de 3 anos – idade pré-escolar (3 anos-7 anos); d) crise dos 7 anos – idade escolar (8 anos-12 anos); e) crise dos 13 anos – puberdade (14 anos-18 anos); f) crise dos 17 anos. (VIEIRA, 2020 p. 70).

Essas crises ou etapas, são marcadas por uma assimilação que é regida por uma atividade principal cuja finalidade é guiar o desenvolvimento rumo a uma nova etapa ou crise, e esta por sua vez também será assimilada e assim sucessivamente, estruturando a criação de identidade da criança. Essas mudanças se dão de acordo com as vivências e experiências de cada um, assim, por meio de trocas de experiências, dentro do processo de interação social, o indivíduo, tanto pode aprender, como também, pode ajudar outro alguém na construção do conhecimento.

Indica-se que os primeiros seis anos da vida de uma criança são bastante significativos para o seu desenvolvimento tanto motor quanto cognitivo, e avanços funcionais de alguns aspectos como linguagem, raciocínio, memória, atenção e estima. E também, que nessa fase da educação infantil, a criança começa a explorar o seu potencial para o aprendizado, nesse momento a criança incorpora novos conhecimentos, diversos tipos de valores, condutas, maneiras de agir e de responder, aproxima-se de suas qualidades hábeis, interagindo com o meio social em que vivem. (BASSEDAS, HUGUET, SOLÉ, 1999).

Para tanto, vários fatores contribuem para que a potencialização do desenvolvimento e aprendizagem ocorra na fase pré-escolar da educação infantil. Sendo assim, enfatiza-se a importância de que todas as atividades propostas para desenvolver junto com as crianças em sala de aula, sejam intencionalmente preparadas, considerando o nível de desenvolvimento e aprendizagem das mesmas. Como defendem Bassedas, Huguet e Solé (2010) precisamente a interação entre adulto/criança ou parceiro mais/menos experiente, contribuem para a formação das funções psicológicas elementares e funções psicológicas superiores (FPS).

De acordo com Facci (2004, p. 65-66),

As funções psicológicas superiores (tipicamente humanas, tais como a atenção voluntária, memória, abstração, comportamento intencional etc.) são produtos da atividade cerebral, têm uma base biológica, mas, fundamentalmente, são resultados da interação do indivíduo com o mundo, interação mediada pelos objetos construídos pelos seres humanos.

A autora enfatiza que o aprendizado é necessariamente fundamental para que as FPS venham a acontecer. Logo, dispõe-se do ensino como um palco de toda essa efervescência, em meio a qual se desenvolve o psiquismo humano, por isso a importância de a atividade pedagógica ser pensada ao modo de subsidiar esses acontecimentos de maneira qualitativa, diante da

complexidade dessas funções. Para cada etapa do desenvolvimento humano, existe uma atividade que o guiará.

Elkonin e Leontiev afirmam que cada estágio de desenvolvimento da criança é caracterizado por uma relação determinada, por uma atividade principal que desempenha a função de principal forma de relacionamento da criança com a realidade. Para esses estudiosos, o homem – a partir do desenvolvimento de suas atividades, tal como elas se formam nas condições concretas dadas de sua vida – adapta-se à natureza, modifica-a, cria objetos e meios de produção desses objetos, para suprir suas necessidades. A criança, nesse caso, por meio dessas atividades principais, relaciona-se com o mundo, e, em cada estágio, formam-se nela necessidades específicas em termos psíquicos. Leontiev (1987) enfatiza que o desenvolvimento dessa atividade condiciona as mudanças mais importantes nos processos psíquicos da criança e nas particularidades psicológicas da sua personalidade. (FACCI, 2004, p.66)

Ainda, esse movimento de criar algo novo partindo de impressões acumuladas anteriormente, a criança em idade pré-escolar pode alcançar estando imersa ao universo da brincadeira de faz-de-conta ou nos jogos de papéis sociais<sup>1</sup>, desenvolvendo essa importante função psicológica superior, que é a imaginação. Neste sentido, o espaço em que a criança está inserida e como ela o utiliza podem trazer muita liberdade, pois

A brincadeira de faz-de-conta, como campo de liberdade da criança não pode ser limitada por tempo, espaço e objetos específicos. Para exercer seu papel de atividade-guia a brincadeira de faz-de-conta precisa ser levada a sério, pois desempenha um papel de suma importância em determinada etapa da vida da criança. (PRESTES, 2011, p. 04).

Vieira (2020) exprime a importância de o docente proporcionar atividades cuja base seja guiada pela imaginação como: desenhar, brincar e narrar. Entende-se que o educador é responsável por estimular a criança a significar os seus próprios feitos, sendo assim cabe ao professor permitir que o aluno se perceba protagonista, e que assim se manifeste de modo criativo ou até mesmo se revelem, demonstrando algum tolhimento. Esse olhar mais atento e crítico do professor, permitirá analisar as dificuldades específicas de cada um, perceber os diferentes níveis de habilidades e capacidades que os alunos de uma mesma faixa etária se encontram.

É na primeira infância que a criança vai esboçando e desenvolvendo a imaginação criativa, no qual o ato de criação é parte da realização humana, relacionada com as reflexões de objetos do mundo exterior, e das experiências passadas (VIGOTSKI, 2010).

A imaginação e a criação andam juntas, enquanto a criança imagina, ela cria e recria as próprias experiências em constante processo de humanização, ou seja, ela cria novas formas

<sup>1</sup> Os jogos de papéis ou também chamado como brincadeira de faz de conta, é a atividade que guia o desenvolvimento psicológico da criança em idade pré escolar. Nesta perspectiva, ela se torna qualquer coisa que possa imaginar, brincando em um espaço de total liberdade daquilo que no momento não se pode efetivar concretamente. Consequentemente, internaliza regras e condutas sociais a seguir, das quais toma consciência ao brincar.

específicas e subjetivas de objetivação no mundo. Isto pode ocorrer individualmente, e também pode haver a socialização em grupo, podendo expressar-se no coletivo, por meio de uma narrativa de história, nos jogos ou em brincadeiras. Por exemplo: em suas brincadeiras ela pode representar parte daquilo que ela vivenciou anteriormente, mesmo que não estejam sendo transmitidas integralmente, há muitos resquícios de suas experiências passadas intrínsecas às suas realizações. De acordo com Vieira (2020, p. 74), “[...]a base do desenvolvimento da imaginação, como do desenvolvimento da criança é o desenvolvimento cultural, [...]”. A partir do pressuposto acima, no subtítulo que se segue, será explorada a relação entre a contação de histórias e o desenvolvimento da imaginação criativa em crianças da educação infantil.

### **A relação das narrações orais de histórias com o desenvolvimento da imaginação criativa: estratégias e possibilidades**

Narrar histórias é uma arte milenar que atravessou os séculos e vem se tornando uma forma de inspiração e de incentivo para a expressão da cultura. “O homem já nasce praticamente contando histórias. Está inserido numa história que o antecede e com certeza irá sucedê-lo. A vida se organiza como uma história tem um fio condutor, uma linha temporal e evolutiva.” (SISTO, 2001, p. 91). Ou seja, o sujeito encontra-se no presente, dando continuidade a uma história que anteriormente já existiu, portanto, fundamentado nela, rumo ao novo continuamente, se expressando de forma ativa e subjetiva.

A partir dos escritos de Pamplona (2021, p. 30) verifica-se que “Se olharmos para as civilizações antigas, sempre houve alguém que reunia um grupo e narrava, fosse um pajé, um sacerdote, um bobo da corte, um ancião; ou ainda: uma lavadeira, uma professora, um andarilho ou mestre de ofícios.” Seguindo essa linha de pensamento, as narrações orais de histórias nos indicam que os seres humanos e os seus feitos só se fazem presentes em forma de memórias porque, algum dia houve uma narrativa sobre determinados fatos ou acontecimentos que marcaram o tempo e o espaço, deste modo, o passado é lembrado e percebe-se as relações da humanidade com a sua história.

Ainda corroborando com Pamplona (2021, p. 29), destaca-se os benefícios que as narrações podem nos trazer, pois, “As histórias ajudam a explicar os fatos, o mundo ao redor as relações humanas e, principalmente, aquilo que parece não ter explicação.” Ocorre, assim, uma conexão do indivíduo com o seu passado. A autora, continua, apontando que “Quando contamos, nos apropriamos da história, ela se torna a nossa.” (PAMPLONA, 2021, p. 29). Entende-se que há uma transformação à medida que se busca o conhecimento e o significado da história, a qual se pertence,

que muitas vezes, esses elementos/práticas são repassados oralmente e não são encontrados em livros, contudo, permeiam o conhecimento histórico acumulado ao longo da existência.

Compreende-se, portanto, que cada ser humano conduz a sua própria caminhada por meio de suas vivências e experiências. Outrossim, entende-se que ao contar histórias, expressam-se emoções, sensações, dimensões, gostos, aromas, ou representam uma cena por meio da memória criando vida na imaginação de quem ouve, pois, “Quem conta faz um pacto com quem ouve, dando-lhe a mão, instalando-o em um tapete voador e levando-o junto em uma viagem de alegria dramática.” (GIRADELLO, 2014, p.38) sendo que esse exercício de estimulação da imaginação criativa, pode ser mais rico quando construído coletivamente.

De acordo com Santos (2008, p. 160), “[...] a imaginação se constitui como um somatório de duas imagens (a pregressa e a atual), esse somatório possibilita a criação de uma nova imagem (que podem vir a ser totalmente distinta em cada mente humana). [...]”, sendo assim, a imaginação resulta um terceiro elemento, que se justifica pela existência de dois elementos anteriores. Portanto estrutura-se pela capacidade do indivíduo combinar dois elementos que já se fazem presentes e um determinado contexto, para a elaboração de um terceiro conceito, neste momento está se formando algo novo, diferente/melhor do que se pensava anteriormente por meio do condicionamento cognitivo. Esse é o contexto em que a contação de história se torna um elemento mediador no processo do desenvolvimento da imaginação criativa das crianças.

Potencializando principalmente o desenvolvimento dos aspectos cognitivos como: a oralidade, percepção, memória, atenção, concentração e imaginação, a utilização das narrações orais de histórias, além de ter um papel significativo no crescimento intelectual, nos processos de ensino-aprendizagens e desenvolvimento da imaginação criativa das crianças, favorecem a compreensão das condutas da sociedade em que ela está inserida, pois, “[...] a brincadeira de faz-de-conta é o *locus* em que a imaginação na infância se manifesta e se desenvolve, possibilitando à criança tornar-se aquilo que não é e permitindo-lhe ultrapassar os limites postos pela realidade.” (SANTOS, 2008, p. 166, grifos da autora).

Fonseca (2012, p. 149) atenta para o fato de que ao contar uma história para a criança, promove-se o interesse pela leitura, pois “[...] com a narrativa oral aguça-se a curiosidade da criança para que ela pegue o livro (do qual a história foi retirada) para reencontrá-la no momento individual e perceba as diferenças entre a oralidade e a escrita.[...]”, neste sentido, atenta-se para o fato de o livro fornecer à criança uma imagem pronta e fixa, ou seja, permanente. Em contrapartida, ao narrar uma história, naquele instante em que está a ouvir, terá possibilidade de vislumbrar um momento criado subjetivamente, a partir da imagem mental que ela construiu.



O uso das narrações orais de histórias é fundamental para fomentar o desenvolvimento da imaginação criativa, e esse processo, pode não ser algo tão simples para o professor. Defende-se que é necessária uma formação (explora-se esse conceito mais adiante nesse texto) para que esse profissional venha aperfeiçoar cada vez mais a sua arte, visto que é por meio deste conhecimento específico que ele se tornará um contador de histórias. Portanto, a partir dessa instrução, compreenderá as diferenças existentes entre ler, dramatizar e contar uma história, se tornando capacitado para realizar tal performance, permitindo que a criança crie e recrie imagens mentalmente. (FONSECA, 2012).

Para tanto, é necessário conhecer o enredo da história, dando ênfase aos principais acontecimentos do começo, meio e fim, captando as partes que são fundamentais para a compreensão das crianças. Este conhecimento permitirá ao contador, fazer adaptações na história que ele irá contar sempre que for preciso, sem perder sua essência. Portanto, não há necessidade de decorar fielmente a história, conto ou qualquer outra forma de literatura, pois segundo Girardello (2014, p.12), “O profundo mergulho imaginário do contador no universo daquela ficção é que tornará a história também um pouco sua e, assim, pronta para ser compartilhada”. Contudo, não é somente esse aspecto que o conhecimento da história fornece, quando o narrador sabe cada passo da história, ele a memoriza, criando um esquema para tal, adquire segurança e empoderamento para o momento da contação.

Partindo de uma perspectiva, em que “Contar histórias é uma arte... e tão linda!!! É ela que equilibra o que é ouvido com o que é sentido [...]” (ABRAMOVICH, 1997, p.18), basta ser rico nos detalhes e “[...] podemos apresentar uma cena através da memória, exalando aromas pelo ar, despertando o gosto de alimentos, indicando dimensões, aflorando sensações e acarretando emoções.” (BATISTA; SILVA, 2021, p. 104). No entanto, se a narrativa não o atraiu ou cativou, talvez deva-se pensar em não a contar, pois, há quem diga que a história chama o contador. Sisto (2012, p. 25) nos diz que: “[...] Só se conta bem aquela história que a gente amou, estudou e contou para as paredes, o teto, o espelho, os filhos, até que ela brote dos lábios com veemência, convicção, detalhe e emoção.”

A autora Betty Coelho (1999, p.11) nos diz que “[...] o narrador deve estar consciente de que o importante é a história, ele apenas conta o que aconteceu, emprestando a vivacidade à narrativa, [...]”. Ou seja, entende-se que a contação de histórias é como um despertar das emoções ou das ações, sendo assim, quem faz uma contação, estabelece uma aliança com o ouvinte, conduzindo-o para lugares fora da realidade e propiciando uma verdadeira aventura ao espectador, sem permitir que a figura do contador apareça mais do que a história de fato (GIRARDELLO, 2014).

Defende-se que a utilização da narração oral de histórias nos espaços escolares é fomento para a imaginação criativa, pois se considera esses momentos precípuos para o desenvolvimento da criança, desde pequena, que desperta um grande interesse e envolvimento deles com as aulas, visto que “[...] a atividade de contar histórias para crianças, que estão em processo de desenvolvimento da linguagem oral e escrita, proporciona a formação humana e influência de forma positiva e progressiva no seu desenvolvimento[...].” (BUENO, 2021, p. 65-66).

Por meio desse contato com o lúdico, a criança vai adquirindo o gosto pela leitura e o interesse em conhecer as histórias. Bulaty (2021, p. 49) afirma que “[...] a escuta fomenta na criança a sua imaginação criativa, aguçando as suas experiências passadas, a sua memória e a sua interação social.” Para isso, podem ser utilizadas algumas estratégias como: pedir para que a criança recontasse a história do seu jeito, solicitar que mude o contexto, crie outro final, estabelecendo assim um laço entre a realidade e a fantasia e nas palavras de Bulaty (2021, p. 56) “[...] a imaginação é para a criança um espaço de liberdade e de ousar voos em direção ao realizável ou não.” Diante disso, na sequência será explanado a contribuição das narrações orais de histórias em um ambiente institucionalizado.

### **A narração de histórias no contexto escolar: aspectos conceituais e metodológicos**

O desenvolvimento e a aprendizagem das crianças podem se dar de diversas formas e em diferentes ambientes, porém segundo Vieira (2020,) é dentro dos estabelecimentos de ensino que atividades intencionais ligadas ao brincar, devem ocorrer não somente por iniciativa da criança, mas, sim, pode ser proposta pelos professores. Como já foi anteriormente nesse texto mencionado, a brincadeira do faz de conta ou jogos de papéis, é a atividade que guia o desenvolvimento, sobretudo, psíquico das crianças da pré-escola (4 a 6 anos), que se configura como ação fundamental para o desenvolvimento humano.

Dessa maneira, entende-se, que as narrações orais de histórias vêm auxiliar no desenvolvimento de atividades lúdicas e dinâmicas, como jogos e brincadeiras que poderão ser utilizadas dentro das salas de aula, contribuindo para um melhor desempenho escolar dos alunos, em que eles se tornam construtores do seu próprio conhecimento. Ao refletir sobre o processo de ensino-aprendizagem dessas crianças, em fase de desenvolvimento, lembra-se novamente o papel do professor, considerando que ele é o mediador no processo de interação e estimulação dessa criança, que possibilita uma mediação em que, todo o estímulo que a criança recebe em seu processo formativo é ligeiramente aliado ao amadurecimento que ela adquire com o passar do tempo, e conseqüentemente irá definir suas ações e capacidades:

[...] no ambiente escolar, a prática de contar uma história ocorre a partir dos primeiros anos de vida da criança. Esse contato é inserido na cultura, pois ouvir história com frequência desperta o autoconhecimento, auxilia no desenvolvimento da identidade e prepara a criança para a vida em sociedade. (BULATY, 2021, p. 50).

Para tanto, o educador precisa estar preparado, buscar fundamentos norteadores para a sua atuação. Como sabe-se a diversidade de vivências existentes dentro de uma escola, está intrínseca a vários fatores que podem desencadear maneiras diferentes de aquisição de conhecimento nos alunos, mesmo que estes estejam em uma mesma faixa etária. Sendo assim, o educador deve se propor a conhecer a realidade de cada aluno, estar atento aos conhecimentos já adquiridos por cada educando e avançar gradativamente, entendendo que cada pequeno avanço notado pelo professor, para o aluno é um grande passo dado.

Indiscutivelmente, o contexto escolar é um espaço de construção e reconstrução contínuo de conhecimentos, lugar que faz com que a criança alcance os objetivos propostos de criar, imaginar, aprender, argumentar, contestar, enfim, desenvolver seu aprendizado constantemente. Nessa linha de pensamento, Fonseca (2012) nos diz que o desafio de transformar a arte de contar histórias em instrumento/ferramenta educacional deve ser feito de modo intencional, questionando-nos sobre alguns aspectos como, para quem? Como? Quando? Onde? Qual o objetivo? Dentre outras, essas são as perguntas mais básicas que se pode abordar para quem pretende utilizar as narrações orais de histórias em um contexto educacional. E com finalidade de desmistificá-las, por conseguinte, replica-se as indagações.

Para quem? É imprescindível atentar para a idade dos ouvintes, sabendo que histórias infantis podem tranquilamente ser direcionadas para todas as faixas etárias, porém, não se deve contar uma história de adultos para crianças da educação infantil, pois devido a sua complexidade tem-se em mente que a narração não será compreendida em sua essência, podendo assim, fragmentar o desenvolvimento da imaginação criativa. Mas, caso seja desejado, as histórias mais complexas podem ser tranquilamente contadas para o público infantil, desde que sejam adaptadas metodologicamente para essa faixa etária.

Como? Tendo em vista que o conhecimento do enredo trará segurança ao contador, portanto, com o simples uso harmônico da voz, pode-se dar conta de estimular a imaginação das crianças, conjuntamente, convencer que algo existiu ou existe, com o olhar fixo nos ouvintes. Nesse sentido, para criar a imagem no imaginário infantil, utiliza-se de alguns aspectos enfáticos como as expressões faciais e corporais, e por meio de gestos, possibilita que a criança por si só, venha a configurar determinada imagem. Criando, deste modo, um triângulo, envolvendo o ouvinte, o contador e a história.

Quando? Uma história é ideal para abordar uma unidade temática, porque ela se relaciona facilmente com os encaminhamentos didático-pedagógicos. Contribuindo com o processo de ensino e aprendizagem de diversos conhecimentos.

Onde? Não existe um local específico na instituição de ensino para fazer a contação de história, podendo esta, ser feita dentro da própria sala de aula ou em um ambiente maior, sendo que este lugar pode ser interno ou externo. Como a contação de histórias não requer um cenário, recomenda-se que o ambiente esteja preparado de maneira singela, sendo possível fazer uso de alguns adereços que venham auxiliar no desenvolvimento da performance do contador e no processo da imaginação criativa infantil. Sem esquecer que o atrativo principal é a narração em si.

Qual o objetivo? Especifica-se, neste texto, que o objetivo ao contar uma história para crianças da educação infantil, é promover o desenvolvimento da imaginação criativa das mesmas. No entanto, enfatiza-se que contar histórias para uma criança, além de despertar sua imaginação, possibilitará principalmente o melhor desenvolvimento da sua oralidade, percepção auditiva, raciocínio lógico, memória, entre outros aspectos cognitivos dela. Lembrando que o propósito desta ação deve condizer com a metodologia de ensino.

Diante do exposto acima, recomenda-se um aprofundamento, um conhecimento integral da narração, deve haver o reconhecimento das partes formadoras do texto (introdução, desenvolvimento, clímax e desfecho). Para obter o domínio da sequência dos fatos, pode ser construído minimamente um roteiro da história, favorecendo o contador a visualizar a história mentalmente (SISTO, 2001). Também, é preciso conhecer e selecionar cuidadosamente as palavras que serão utilizadas em uma contação, isso ajudará na criação das cenas e representação dos personagens. O narrador, pode variar os elementos secundários da história como desejar, ou, caso venha a esquecer algum deles. Entretanto, não se deve modificar a sua estrutura, que são os elementos principais.

Geralmente, no início de uma narração, traz-se uma abordagem das características vocais, como, a altura, o ritmo, a intensidade, entre outras, de uma maneira clara e moderada, uma vez que nesse momento apresenta-se o contexto e o espaço onde a cena acontece. Toma-se como importantes elementos, a alternância entre os ritmos, o volume e tom da voz, assim, enfatiza-se os diferentes momentos da história como o clímax e o desfecho, em que se pode expressar sensações como: tensão, surpresa, tristeza, alegria, doçura, romantismo, leveza, entre outras.

Com o intuito de alcançar à essência do que verdadeiramente se pretende transmitir, é importantíssimo a segurança do contador no desenrolar do enredo, para tanto, ele deve fazer um contínuo exercício: ler e estudar várias vezes a história. Consequentemente, a partir do uso das narrações orais, objetivando despertar a imaginação criativa das crianças, particularmente as do

público-alvo deste texto, ou seja, os ouvintes que estão inseridos na educação infantil, Apresenta-se exemplos a seguir que orientam a prática da contação.

Na fábula “O Sapo e o Boi” (ESOPO, 2014), para evocar as imagens no imaginário da criança, utiliza-se simplesmente a voz, para dar ênfase aos detalhes, por exemplo: trazendo um radiante dia de sol; colocando algumas nuvens naquele céu azul; no campo imenso com grama espalha flores de várias cores; no rio que vai sumindo quando faz a curva, habitua-o com algumas espécies de peixes. Sendo que essa configuração se dará diferentemente por cada uma delas a partir da entonação da voz, como também os movimentos das mãos.

Na parte da narração, sem definir de qual animal se trata, sugere-se que as crianças imaginem, oferecendo apenas alguns elementos característicos, descrevendo com palavras um dos principais animais da história: ele é verde, adora ficar na água, quando quer comer solta a sua língua pra fora, até que algum deles exclamem: é um sapo! Logo, na descrição do outro bicho, manifesta-se que: ele é muito grande (pode-se dar ênfase ao tamanho do animal, gesticulando com ambos os braços abertos lateralmente, indicando sua dimensão), tem dois chifres, um rabo comprido, que geralmente fica mastigando a comida que tem na boca. Pode ser que algum deles expressem-se dizendo que esse animal é uma vaca, mas, para chegar a um consenso, expõe-se que a fábula se refere a um boi.

Com a utilização da expressão corporal, no ato de contar a “Lenda das Araucárias” (GUEDES, 1997), ao tratar do indígena conhecido como Curiaçu, toma-se uma postura firme, aparentando força e indicando que ele é destemido, assim, cada vez que for se referir ao indígena novamente na história, repete-se a mesma postura corporal e logo sabe-se de quem se fala. Exemplificando nessa mesma história, quando se fala que Deus Tupã transformou Guacira em uma..., nesse momento, sugere-se utilizar uma breve pausa, criando um suspense em meio a narrativa, e no imaginário das crianças criam-se variadas suposições de transformação da moça.

A partir da história, “Elmer, o Elefante Xadrez” (MEKEE, 1998), pode-se exemplificar as diversas mudanças de humor que uma história pode conter. No momento em que o elefante está triste, logo o contador expressará a tristeza utilizando um tom de voz mais baixo e suave, conduzindo o ouvinte a ter empatia pelo personagem, caso estivesse na mesma situação vivenciada por ele, levando-o a compreensão de sentimentos e emoções. No momento em que Elmer agarrou o arbusto e chacoalhou, é o momento de mais ação, este pode ser enfatizado com gestos, fazendo um movimento com as mãos e um tom de voz mais acelerado, representando a cena. No trecho em que Elmer se revela para seus amigos dizendo, BOOO! o contador modifica a entonação da voz, que deve ser mais alto, em seguida pode se utilizar uma expressão facial, para representar a surpresa que ele causou em seus amigos.

Acima no texto, foram expostas sugestões de como proceder durante uma contação de histórias dentro das instituições de ensino, e como se tem o conhecimento de que algo em exagero pode não apresentar benefícios, com a utilização das narrações orais de histórias para o desenvolvimento da imaginação criativa de crianças da educação infantil, não se pensa diferente. Portanto, o narrador, deve preocupar-se em não sobrecarregar sua performance, pois, acredita-se que o excesso de palavras e gestos concomitantemente, podem vir a atrapalhar nesse processo cognitivo. E tendo, minimamente, compreendido esses critérios recomendados para fazer uma contação de histórias, possivelmente o resultado será positivo. “É neste fio é que se une a fala e a escuta, permeado pelo arsenal performático do narrador que não é teatralização de uma história, mas narração de uma história.” (ZANLORENZI; SILVA, 2021, 225).

Outrossim, sugere-se similarmente, que a contação de histórias não seja vista apenas como pretexto ou passatempo dos espaços escolares, pois, essa arte pode ser utilizada metodologicamente para auxiliar no desenvolvimento de atividades em sala de aula, podendo ser elaborada de forma estratégica, de maneira que permita formar e também humanizar o ser humano. Portanto, defende-se que o ato de contar histórias, deve ser aprimorado de modo profissional. Essa instrução formadora enriquecerá o currículo do professor e por conseguinte ocasionará significativos avanços<sup>2</sup> para as crianças da educação infantil que esse professor ministrará.

Sem dúvida, a formação para contadores de histórias, é essencial para que se conheça os elementos, os conceitos, e as articulações citadas no decorrer desse trabalho. E rumando a concluir este artigo, não se pretende exaltá-la em demasia, apenas

### Considerações finais

Espera-se que este artigo tenha desvelado a contribuição das narrações orais de histórias para o desenvolvimento da imaginação criativa de crianças da educação infantil. Tendo em vista que a temática utilizada para a construção desse artigo não se esgota, aponta-se que facilmente pode ser direcionada para tantas outras pesquisas, fazendo emergir novas escritas sobre a contação de história.

Porém, nesta ocasião, conclui-se que diante de tantas transformações, mudanças e inovações tecnológicas, nesse contexto atual, a maioria das crianças sabem tudo sobre as telas e tem liberdade de acesso a diversas informações geralmente disponibilizadas pela internet. Porém,

---

<sup>2</sup> Indica-se que há diversos cursos que abordam essa temática, entre eles cita-se, o projeto de extensão universitária, intitulado "SENTA QUE LÁ VEM HISTÓRIA" é um projeto de extensão da Universidade Estadual do Paraná, Campus de União da Vitória, do colegiado de Pedagogia, coordenado pela professora Doutora Cláudia Maria Petchak Zanlorenzi, desde 2018. Dele fazem parte, professores, acadêmicos, e alunos egressos da Universidade. Sua finalidade é levar o encantamento e a magia das histórias incentivando sempre a imaginação criativa das crianças que se encontram na etapa da educação infantil.

no que diz respeito a sua vida real, elas muitas vezes não têm autonomia para compreender os valores sociais humanos e há, portanto, uma necessidade de repensar sobre os processos educacionais, refletindo sobre como se dá os processos cognitivos e destacando o movimento de ensinar a pensar. É preciso atentar aos professores e demais profissionais da educação que possibilitem às crianças tornarem-se capazes de argumentar e elaborar respostas em diferentes contextos, oferecendo a elas propriedades para enfrentar o mundo tal como ele é, acreditando em si, construindo e contando a sua própria história.

Para tanto, a partir do esclarecimento dos aspectos conceituais e metodológicos tratados neste texto, afirma-se que, para contribuir com o desenvolvimento de crianças da educação infantil, principalmente no que se refere ao desenvolvimento da imaginação criativa, dentro e fora dos espaços escolares, a contação de histórias ou narração oral de histórias vem proporcionando subsídios a estes processos. A partir da voz, pausas, ênfases, expressões faciais e corporais, dá-se uma progressão no cognitivo e imaginário da criança com mais intensidade do que à aquelas que não ouvem histórias contadas.

Diante do exposto, constatou-se que são as experiências concretas do dia a dia que darão base para a criança compreender o sentido dos conceitos que ela mesma, pode vir a transformar-se fazendo uso da sua imaginação criativa. E assim, aos poucos a criança vai se engajando ao meio em que vive, desenvolvendo um olhar sensível e crítico com relação ao mundo ao seu redor. Diante disso, a contação de histórias auxilia as crianças com a sua formação cognitiva, na construção da sua identidade e personalidade, e também no desenvolvimento da sua aprendizagem, proporcionando a ela, vivenciar e (re)criar experiências. Ou melhor, desenvolvendo as funções psicológicas superiores como linguagem, imaginação, memória e atenção.

Ao professor que anseia uma práxis pedagógica, recomenda-se pensar sobre a importância da formação continuada, atribuindo a ela um curso para formação de contador de histórias, e um movimento constante, de construir/desconstruir conceitos e reavaliando-os sempre que necessário. Faz-se necessário a articulação de novos saberes com os já concebidos, possibilitando o melhor desempenho no processo de mediação do conhecimento do educador para com os seus alunos, pois a escola é o lugar de formação do cidadão, nesse âmbito é colocado todo esforço em benefício do mesmo, podendo melhorar a realidade tanto de alunos como de professores.

## Referências

- ABRAMOVICH, F. *Literatura infantil: gostosura e bobices*. São Paulo: Scipione, 1997.
- BASSEDAS, E.; HUGUET, T.; SOLÉ, I. Desenvolvimento e aprendizagem na etapa de 0 a 6 anos. In: BASSEDAS, E.; HUGUET, T.; SOLÉ, I. *Aprender e ensinar na educação infantil*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999, p. 19-48.
- BATISTA, E. F.; SILVA, P. H. M. M. A figura do contador de histórias e a sua conexão com a narrativa e o ouvinte. In: ZANLORENZI, C. M. P. BULATY, A. (Orgs). *Ouvir, sentir e imaginar: reflexões sobre a contação de histórias*. Ponta Grossa: Texto e Contexto, 2021, p. 98-110. E-book disponível em: <https://www.textocontextoeditora.com.br/assets/uploads/arquivo/264a1-ebook-ouvir-sentir-e-imaginar.pdf>. Acesso em: 01 de set. 2020.
- BUENO, K. C. A formação do homem e as narrativas orais. In: ZANLORENZI, C. M. P. BULATY, A. (Orgs). *Ouvir, sentir e imaginar: reflexões sobre a contação de histórias*. Ponta Grossa: Texto e Contexto, 2021, p. 98-110. E-book disponível em: <https://www.textocontextoeditora.com.br/assets/uploads/arquivo/264a1-ebook-ouvir-sentir-e-imaginar.pdf>. Acesso em: 01 de set. 2020.
- BULATY, A. A contação de história e a arte: desenvolvimento da imaginação criativa na infância. In: ZANLORENZI, C. M. P. BULATY, A. (Orgs). *Ouvir, sentir e imaginar: reflexões sobre a contação de histórias*. Ponta Grossa: Texto e Contexto, 2021, p. 98-110. E-book disponível em: <https://www.textocontextoeditora.com.br/assets/uploads/arquivo/264a1-ebook-ouvir-sentir-e-imaginar.pdf>. Acesso em: 01 de set. 2020.
- COELHO, B. *Contar histórias: uma arte sem idade*. 10ª ed., São Paulo: Ática, 1999
- ESOPO. *O Sapo e o boi*. 2014. Disponível em: <https://www.fabulasdeesopo.com.br/p/o-boi-e-o-sapo.html> Acesso em: 12 de ago. de 2022
- FONSECA, E. *Interações: com olhos de ler, apontamentos sobre a leitura para a prática do professor da educação infantil*. São Paulo: Blucher, 2012.
- GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Atlas, 2002.
- GIRARDELLO, G. *Uma clareira no bosque: contar histórias na escola*. Campinas, SP: Papirus, 2014.
- GUEDES, H. *Curiaçu e a Galha Azul – A lenda das Araucárias*. Curitiba: HGF, 1997. (Coleção Lendas Paranaenses).
- MCKEE, D.; STAHEL, M. *Elmer, o elefante xadrez*. São Paulo: Martins Fontes, 1998. Disponível em: <https://www.angatuba.sp.gov.br/public/admin/globalarq/uploads/files/ELMER%20O%20ELIFANTE%20XADREZ.pdf>. Acesso em: 02 de ago. de 2022.
- PAMPLONA, D. *O poder da palavra falada: oralidade, contação de histórias e expressão*. Curitiba: FATUM. 2021.



PASQUALINI, J. C. A Perspectiva histórico-dialética da periodização do desenvolvimento infantil. In: *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 14, n. 1, p. 31-40, jan./mar. 2009.

PRESTES, Z. *A brincadeira de faz-de-conta como atividade-guia*. Florianópolis, 2011. Disponível em: [http://portal.pmf.sc.gov.br/arquivos/arquivos/pdf/14\\_02\\_2011\\_11.23.25.5523439fc322d424a19c109abd2d2bb9.pdf](http://portal.pmf.sc.gov.br/arquivos/arquivos/pdf/14_02_2011_11.23.25.5523439fc322d424a19c109abd2d2bb9.pdf). Acesso em: 27 de jul. de 2022.

SANTOS, I. S. A imaginação e o desenvolvimento infantil, In: *Educ. foco*, Juiz de Fora, v. 13, n. 2, p. 157-169, set 2008/fev. 2009.

SISTO, C. *Texto e pretextos sobre a arte de contar histórias*. 3ª ed. Belo Horizonte: Aletria, 2012.

SISTO, C. *Textos e pretextos sobre a arte de contar histórias*. Chapecó: Argos, 2001.

VIEIRA, D.C.S.C. Apontamentos teóricos sobre educação, cuidado e desenvolvimento de crianças na Teoria Histórico-Cultural In: VIEIRA, D.C.S.C; FARIAS N.R.P.; MIRANDA, S. *Educação infantil na perspectiva histórico-cultural: concepções e práticas para o desenvolvimento integral da criança*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2020. p. 63-78.

VIGOTSKI, L. S. *A construção do pensamento e da linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

ZANLORENZI, C. M. P.; SILVA, P. H. M. M. A contribuição das narrativas orais de histórias para aprendizagem: a visão do professor alfabetizador. *Cadernos de Pós-graduação*, São Paulo, v. 20, n. 1, p. 218-231, jan./jun. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.5585/cpg.v20n1.19343>.